

Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss revisitados: reflexões sobre os limites da sociabilidade

Eduardo Oliveira de Almeida (PIC /Uem), Eliane Sebeika Rapchan
(Orientadora), e-mail: esrapchan@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá,
PR.

Ciências Humanas (70000000); Antropologia (70300003); Teoria Antropológica (70301000)

Palavras-chave: limites da sociabilidade, dádiva, parentesco.

Resumo:

Nesse trabalho, as ideias de Marcel Mauss em o *Ensaio sobre a dádiva – forma e razão nas sociedades arcaicas* e de Lévi-Strauss na *Introdução à obra de Marcel Mauss* e n'*As Estruturas Elementares do Parentesco* são revisitadas com o intuito de levantar questionamentos a respeito dos limites da sociabilidade. Tais autores são reconhecidos por suas reflexões teóricas sobre a possibilidade de explicar as trocas, sejam elas de mulheres, de palavras ou de objetos por uma perspectiva antropológica. Contudo, eles são retomados aqui para se refletir sobre trocas que não acontecem, aquelas que não aconteceriam em certas situações porque não são contempladas pelas regras, ou, simplesmente, aquelas que não ocorrem porque não correspondem às condicionalidades sociais presentes nesses momentos. O intuito, dessa forma, é o de analisar os limites da sociabilidade, a partir das concepções teóricas desses mesmos autores. Sendo assim, as noções de obrigatoriedade da troca, presentes em Marcel Mauss, e a noção de inconsciente e os seus desdobramentos, presentes em Lévi-Strauss, são operacionalizadas de modo que fiquem reconhecidas as possibilidades da não-relação.

Introdução

Marcel Mauss (1872 – 1950) e Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009) produziram reflexões muito significativas para a história da Antropologia e da Sociologia enquanto disciplinas acadêmicas. Os trabalhos que escreveram e as abordagens teóricas que defenderam, não raro, são comparados. Desse exercício há apreensões que defendem a ideia de que Lévi-Strauss foi influenciado por Mauss. Melhor, o próprio famoso comentário à obra de Marcel Mauss, escrito por Lévi-Strauss, pode ser interpretado como expressão de uma relação complexa de influência, uma vez que esse

trabalho se sustenta na crítica a algumas concepções do antropólogo aqui já citado, nascido no século XIX.

O objetivo principal desse trabalho não é retomar conceitos de Mauss e Lévi-Strauss, nem revisitar e disputar entre as interpretações a respeito de tais conceitos e de seus usos ao longo da história da Antropologia, tão pouco verificar a pertinência das críticas que cada um recebeu, embora a importância desse tipo de empenho seja reconhecida. A ideia principal perpassa sim, justamente, essa cronologia da teoria etnológica, mas para propor uma leitura a partir de uma chave analítica específica: pensar os limites da sociabilidade a partir do *Ensaio sobre a dádiva – forma e razão nas sociedades arcaicas* (MAUSS, [1923-1924] 2003), da *Introdução à obra de Marcel Mauss* (LÉVI-STRAUSS, [1950] 2003), assim como de parte de *As Estruturas Elementares do Parentesco* (LÉVI-STRAUSS, [1949] 1976). A sociabilidade é aqui entendida enquanto a relação intermediada e expressada através, sobretudo, da troca de objetos e de mulheres. Logo, problematizar seus limites significa perguntar-se, senão por condicionamentos para o seu estabelecimento, sobre a não-troca.

Materiais e métodos

A direção da pesquisa foi a de retomar os casos estudados, em que a troca acontece, e tentar perceber condicionalidades que, também por serem socialmente estabelecidas, operacionalizaram o estabelecimento das relações sociais. Dessa forma, ao tratar do *Ensaio sobre a dádiva*, pretendeu-se pensar a troca como desejo e regra e problematizar possibilidades de não-troca, numa tentativa de identificar justificativas sociais atreladas a elas. Objetivou-se abordar a não-troca, também, pelas concepções propostas por Lévi-Strauss, em sua crítica a Mauss, ligadas à relacionalidade que compõe a organização simbólica do inconsciente, expressa pela oposição de pares e que culmina, por isso, em um sistema integrado – não, necessariamente, integralização ligada à harmonia, mas no sentido de um sistema que constitui, numa configuração lógica, também o lugar dos excluídos. Sobre a ideia de classes matrimoniais propostas por Lévi-Strauss o intuito foi de elaborar questionamentos a respeito das noções de regra, preferência e, conseqüentemente, de “excluídos”, segundo uma perspectiva estruturalista.

Resultados e Discussão

Hierarquia, prestígio, classificações sociais e idealizações a respeito dos lugares que os “excluídos” dos fluxos de troca ocupam foram interpretadas enquanto formas de reconhecer condicionalidades nas relações estudadas por Marcel Mauss. O estabelecimento das trocas foi, assim, identificado a partir dos possíveis limites que operam nas prestações das dádivas e ajudam a revelar e elaborar maiores questionamentos sobre os lugares ocupados e, conseqüentemente, classificações sociais construídas, por e sobre aqueles a quem não seria (ou não foi) concedida

determinada dádiva ou a possibilidade de oferecer a dádiva. Ou seja, aqueles que, ao serem excluídos das trocas, centrais para a vida social, tornam-se socialmente limitados ou excluídos. Por exemplo, quando Marcel Mauss retoma Radcliffe-Brown para pensar momentos nos quais pessoas, pais da noiva ou jovens de dois sexos diferentes (masculino e feminino) que passaram juntos pelas cerimônias de comer porco e tartaruga, que já se encontram em relação social por terem partilhado de determinadas situações rituais são obrigadas a participarem de relações de trocas recíprocas como parceiros. Nesse exemplo, é possível identificar classificações sociais que operam no sentido de habilitar determinadas pessoas às trocas – operação que, obrigatoriamente, exclui uma série de outras pessoas.

Por outro lado, a partir da crítica feita por Lévi-Strauss ao trabalho de Mauss, é possível pensar a amplitude de um sistema no qual os excluídos também estão inseridos. Trata-se de pensa-los enquanto constituintes de um sistema e dispostos em outro modo de relação, a partir de suas posições relacionais na estrutura. Tal relacionalidade está ligada a conexão daqueles que são preferidos com os que são preteridos no momento de escolha de parceiros para as trocas. Isso porque a crítica proposta é a de que Mauss tenha apenas se apropriado de categorias nativas em parte de suas elaborações, constituindo, assim, uma teoria nativa para explicar as trocas, o que não toca em leis gerais que integralizam e compõem um sistema estruturado.

No caso das alianças matrimoniais pensadas por Lévi-Strauss, as condicionalidades operantes fazem referência não apenas a prescrições rigidamente estabelecidas, mas parecem também estar presentes no interior das próprias classes matrimoniais. Ou melhor, o enfoque de Lévi-Strauss permite-nos perguntar sobre a não-sociabilidade. A partir dos próprios exemplos fornecidos por Lévi-Strauss pode-se pensar sobre o que pode significar a preferência, e, para isso, deve-se contextualizar tais motivações dentro das próprias concepções de regra para esse autor. E, é claro, pensar sobre aqueles excluídos das preferências.

Conclusões

Se por um lado, é importante conhecer interpretações consagradas acerca de determinadas/os autoras/es das Ciências Sociais, é da mesma grandeza de importância não deixar de lado os próprios escritos desses últimos e retomá-los, diante de novas perguntas teóricas, a partir de perspectivas inovadoras. A crença de que suas formulações sejam tão ricas a ponto de não se esgotarem facilmente estimulou a produção desse trabalho como ponto de partida e ponto de chegada: pensar sobre a não-sociabilidade em autores que construíram a própria ideia de social demonstram que suas obras não estavam esgotadas e nem estarão. O objetivo foi elaborar, a partir de um questionamento específico, reflexões a partir, principalmente, dos próprios autores sobre um tema pouco explorado na antropologia, o lugar teórico dos socialmente excluídos nos sistemas sociais.

Por fim, é importante sinalizar em ambos os autores, e guardadas as devidas particularidades, a presença das construções sociais que estão presentes na classificação daquilo/daquele que é e daquilo não é desejado para uma parceria ou para uma relação. Tal classificação, que por ser simbólica e apreendida, possibilita pensar a não-sociabilidade enquanto uma categoria social e cultural.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à professora Eliane Sebeika Rapchan e ao professor Thomás Antonio B. Meira, pela dedicação, atenção e compromisso empreendidos no processo de construção e realização da pesquisa. Gostaria de agradecer, também, à Universidade Estadual de Maringá, em especial, ao Programa de Iniciação Científica – PIC, por ter possibilitado em âmbitos formais, burocráticos e acadêmicos a realização desse trabalho.

Referências

LÉVI-STRAUSS. 1976. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. 2003. Introdução à Obra de Marcel Mauss. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify.

MAUSS, M. 2003. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: CosacNaify.